



A CAÇA ÀS BRUXAS COMO DISPOSITIVO PERMANENTE DE PERSEGUIÇÃO: PERSPECTIVAS DA LITERATURA

Rafaela Werneck Arenari Martins
*Estudante de doutorado do Programa de Pós Graduação em
Sociologia Política
rafaelaarenari@gmail.com*

Mauro Macedo Campos
*Professor Orientador
mauromcampos@uenf.br*

Resumo

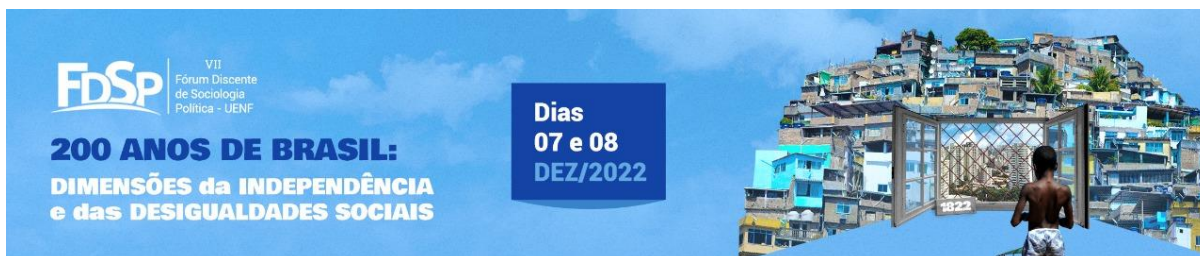
O texto aqui proposto parte de uma revisão teórica que compõe o desenvolvimento da tese de doutorado, ainda em curso. Nele, pretendemos analisar o processo que deflagrou a chamada Caça às Bruxas. Caçada esta, que se torna um dispositivo institucionalizado a partir do final do século XV, com a Inquisição, engendrada pelo aparelhamento da Igreja Católica e Estado na Europa e que ganha contornos específicos nas Colônias Americanas invadidas. Destacamos também, seus atuais desdobramentos, que envolvem principalmente a perpetuação da perseguição, violência e morte de mulheres, ainda por meio da articulação destas com a bruxaria. Através do levantamento bibliográfico, tendo por base o estudo de autoras feministas, e pesquisas de perspectivas decoloniais foi possível perceber, na literatura, a produção de lugares de menor saber, de demonização, desumanização e inferioridade destinados ao feminino, às mulheres e também a bruxaria. Destacamos ainda como os marcadores de gênero, raça e classe se conectam às práticas de violência que se perenizam contra as bruxas, fomentando políticas de morte contra a existência de corpos específicos- mulheres latino americanas e africanas principalmente- e colocando em evidência a prevalência da caça às bruxas, ainda viva no cenário atual, nas práxis cotidianas.

Palavras-chave: bruxaria; feminismo; natureza; conhecimento tradicional; decolonialidade.

Instituição de Fomento: Programa de Pós Graduação em Sociologia Política: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro- UENF

Fomento da bolsa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro -FAPERJ.





THE WITCH HUNT AS A PERMANENT PERSECUTION DEVICE: LITERATURE PERSPECTIVES

Rafaela Werneck Arenari Martins
*Estudante de doutorado do Programa de Pós Graduação em
Sociologia Política*
rafaelaarenari@gmail.com

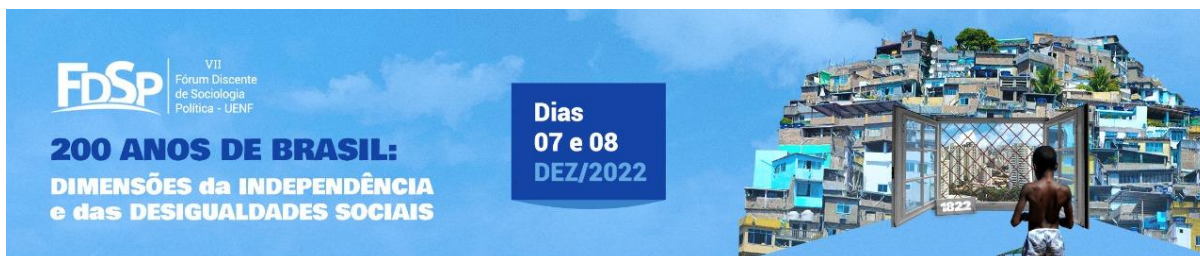
Mauro Macedo Campos
Professor Orientador
mauromcampos@uenf.br

Abstract

The text proposed here is part of a theoretical review which makes up the development of the doctoral thesis, still in progress. In it, we intend to analyze the process that triggered the so-called Witch Hunt. This hunt, that becomes an institutionalized device from the end of the fifteenth century, with the Inquisition, engendered by the rigging of the Catholic Church and State in Europe and which gains specific contours in the invaded American Colonies. We also highlight its current developments, which mainly involve the perpetuation of the persecution, violence and death of women, still through their articulation with witchcraft. Through the bibliographical survey, based on the study of feminist authors, and research of decolonial perspectives, it was possible to perceive, in the literature, the production of places of lesser knowledge, of demonization, dehumanization and inferiority destined to the feminine, to women and also to witchcraft. We also highlight how gender, race and class markers connect to the practices of violence that are perpetuated against witches, promoting death policies' against the existence of specific bodies - Latin American and African women mainly - and highlighting the prevalence of hunting to witches, still alive in the current scenario, in everyday praxis.

Keywords: witchcraft; feminism; nature; traditional knowledge; decoloniality.





A CAÇA ÀS BRUXAS COMO DISPOSITIVO PERMANENTE DE PERSEGUIÇÃO: PERSPECTIVAS DA LITERATURA

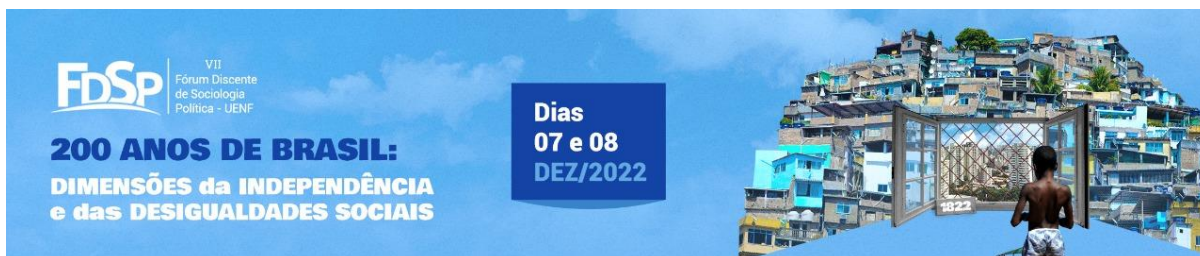
Introdução

O presente trabalho limita-se a uma revisão teórica, fruto de um recorte da pesquisa bibliográfica realizada durante a escrita da tese de doutorado, ainda em curso. Nela compreendemos que são diversas as imagéticas forjadas sobre a insígnia da bruxaria durante a História, que se engendram através de perspectivas fabricadas por livros, filmes, mitos populares. Essas concepções fazem da bruxa uma figura plural: precisada e execrada por sociedades que a procuram e rejeitam; que pagam por seus serviços e a entregam para purgarem seus pecados na fogueira.

As bruxas existem e resistem ainda hoje, dentre muitas formas também como rezadeiras, parteiras, curandeiras, ou seja, naquelas que estabelecem com a natureza uma relação singular e através dela, cuidam e curam. A fim de tecer análises a respeito dessas mulheres são realizados diálogos com perspectivas trazidas por epistemologias feministas marxistas e decoloniais, de modo a proporcionar o encontro de pistas que tratem da bruxaria, do dispositivo caça as bruxas, que se institucionaliza no período inquisitorial, ultrapassando o continente europeu, caçando indígenas e povos negros escravizados nas colônias (LUGONES, 2008; 2014). Essa prática ainda se atualiza no presente com novas roupagens, perpetuando a violência contra as mulheres (FEDERICI, 2018; 2019; MÜLLER; SANDERSON, 2020).

Ancorada nessas perspectivas destacamos como os marcadores de gênero, raça e classe se conectam ao fenômeno da violência que se perpetua contra essas mulheres, produzindo necropolíticas (MBEMBE, 2021) destinadas à corpos específicos, conjurando uma caça às bruxas que não se finda, e ainda hoje faz com que mulheres sejam perseguidas e mortas sob acusações de bruxaria (MÜLLER; SANDERSON, 2020). Mesmo diante dessas tentativas de matarem seus corpos e silenciarem seus saberes as bruxas resistem e transformam a bruxaria em práticas de resistência de saberes tradicionais e a transmissão desses saberes, frutos de empíricas relações com a natureza (BELTRÁN, 2016; LUGONES, 2014).





Objetivos e Métodos/Técnicas de pesquisa

A proposta do presente texto reside na compreensão da Caça às bruxas como um dispositivo, que escreve com sangue a história de perseguição de mulheres durante o período inquisitorial, mas que não se findou, pelo contrário, se atualizou dando novos contornos a perseguição das bruxas. Ou seja, O que buscamos trazer aqui é o entendimento sobre a prática da caça às bruxas, não como parte de um passado distante, mas que como é discutido por Federici (2019) ainda existe, e ainda faz com que mulheres sejam caçadas e mortas sob acusações de bruxaria.

O desenvolvimento deste estudo parte de um esforço metodológico eminentemente qualitativo e exploratório. Para tanto, utilizamos de uma pesquisa bibliográfica através de livros clássicos e artigos atuais que se propõem a discutir essa temática, a fim de compreender os aspectos históricos, políticos, econômicos e religiosos que fizeram emergir a Caça as Bruxas como estratégia institucional da Igreja/Estado para a perseguição das mulheres e seus saberes. Buscamos também analisar suas formas de atualização no presente, principalmente suas reverberações na América Latina, através de pesquisas realizadas principalmente por mulheres latino americanas. Assim, os rumos que orientam esse trabalho partem de uma compreensão teórica.

Resultados

Como trata-se de uma pesquisa ainda em andamento consideramos ser possível avaliar através da revisão de literatura realizada, que a Caça às Bruxas, enquanto um dispositivo institucionalizado, segue ardente no presente, ganhando novos contornos, perseguindo, violentando e matando mulheres (FEDERICI, 2019). Essas perseguições se tornaram uma prática emergente no complexo contexto sócio-histórico dos séculos XV, XVI e XVII na Europa, gerou um ambiente de medos e incertezas, levando os homens modernos a procurarem culpados para os seus problemas (ROCHA, 2016; 2017; FEDERICI, 2018; 2019).

De acordo com Delumeau (1989), a figura cristã do demônio foi eleita como o grande responsável por essas e outras mazelas sociais, e as bruxas, consideradas os agentes humanos de sua atuação no mundo, deveriam ser caçadas, julgadas e punidas. Tratados de demonologia





foram redigidos para explicar os poderes dos demônios e bruxas, dando respostas para os impasses enfrentados pela sociedade da época (SILVA, 2012; FERECIRI, 2018; 2019). Esses tratados afirmavam que a figura feminina seria ontologicamente dotada de fraqueza física e moral, de inteligência limitada e sexualidade incontrolável e por isso, elas seriam a vítimas privilegiadas das astúcias do demônio (SILVA, 2012; TOSI, 1998; DIAS; CABREIRA, 2019). E por essa razão, toda mulher deveria ser vista como suspeita de bruxaria (FEDERICI, 2018).

As mulheres foram aterrorizadas por acusações de ordens sobrenaturais, submetidas a torturas e execuções públicas (PRECIADO, 2008; TOSI, 1998; GUIMARÃES, 2018). Essas práticas inquisitoriais de perseguição, violência e morte instituída às mulheres não se limitaram ao continente europeu. A invasão dos territórios nomeados “americanos” também implicou em um continuum dessas práticas, ganhando também novos contornos e tecnologias na caçada às bruxas em *Abya Yala*. Essa expressão (*Abya Yala*) significa “terra madura, viva ou em florescimento”. Tem sido utilizada para designar o território das américas por pesquisas que apostam em uma perspectiva decolonial (GONÇALVES, 2011). Em termos políticos, ela anuncia a unidade dos povos indígenas e busca por autodesignação em contraponto às definições eurocêntricas que nomearam esse continente “América” como também à luta dos povos latinos em reafirmar uma perspectiva decolonial da história deste território (LUGONES, 2008; 2012).

Partindo dessas perspectivas afirma-se que a criação do modelo ocidental se dá no contexto da invasão do chamado Novo Mundo, que se forma e se constitui por meio da “dominação e subordinação política, econômica, social e epistêmica das sociedades não-ocidentais por dominadores europeus ocidentais” (NDLUVU, 2017, p.130). Portanto, colonialismo não foi apenas um processo de invasão territorial, mas comportou uma lógica colonizadora que produz subjetividades, epistemologias, modos de viver e são atualizadas e palpáveis através de práticas cosmo-fóbicas, que impedem e/ou violentam a produção de conhecimentos pautados na pluralidade de modos de existências, na percepção dos agenciamentos dos elementos da natureza, na complexidade e dinamicidade das práticas territorializadas e situadas, nos modos singulares de organização que permitem uma maneira



continua de renovação e inventividade (LUGONES, 2012; VERGÈS, 2019; ESCOBAR, 2015; QUIJANO, 2005).

Desde os primeiros contatos entre os invasores e os povos originários, ocorreu a desumanização dos que aqui viviam (NDLUVU, 2017; LUGONES, 2012) Essa subjugação se deu através da dúvida da condição de humanidade dos povos tradicionais, se estes possuíam alma ou não (NDLUVU, 2017). É nessa perspectiva de desumanização gera-se a construção do selvagem. Santos, Meneses e Nunes (2005) trazem a noção de “produção da alteridade colonial”, enquanto uma faceta colonialista fruto da produção de conhecimento hegemônica do ocidente, que nesse encontro com a diferença se cria o “outro” enquanto ser inferiorizado, disponível para ser explorado, desprovido de capacidades cognitivas, forjando assim, o indígena, os negros e podemos afirmar que assim também foram consideradas as bruxas que habitavam o continente como selvagens desqualificados, hipersexualizadas distantes da civilidade (LUGONES, 2014; DAVIS, 2016).

Em terras tropicais a bruxa torna-se também indígena e negra. E as práticas de perseguição e tortura vão também sendo direcionadas a essas mulheres, para que seus corpos se transformassem em *locus* à serviço do controle dos conquistadores, bem como para que fosse perpetrada uma destruição das práticas, elos e saberes: “as mulheres se converteram nas principais inimigas do domínio colonial” (FEDERICI, 2018, p.402).

Discussão

Tanto os estudos clássicos quanto os mais recentes apontam que falar de bruxaria, principalmente em *Abya Yala* é deparar-se com um pluriverso (LATOURE, 2011) em constante expansão. Em uma terra onde coexistem mulheres, negras e indígenas, pobres e imersas numa sociedade misógina, opressora e extremamente híbrida, com interconexão de cultos e culturas diversas, de origem africana, indígena e também de influência europeia (ROCHA, 2017; AMARAL e FLECK, 2018), não há consonância sobre os sentidos do conceito de bruxaria para cada um desses grupos. Essas análises consideram essencial a análise interseccional entre



gênero raça, classe e colonialismo dos saberes das bruxas no contexto latino americano e brasileiro (BELTRÁN, 2016; LUGONES, 2014, FEDERICI, 2019).

Escancarando a atualidade desse fenômeno, Müller e Sanderson (2020) denunciam através de casos recentes, onde mulheres foram mortas por acusações de bruxaria especialmente na África, no Sudeste Asiático e na América Latina. Nessa caçada, as mulheres, especialmente mulheres negras, indígenas e idosas são os principais alvos (FEDERICI, 2019).

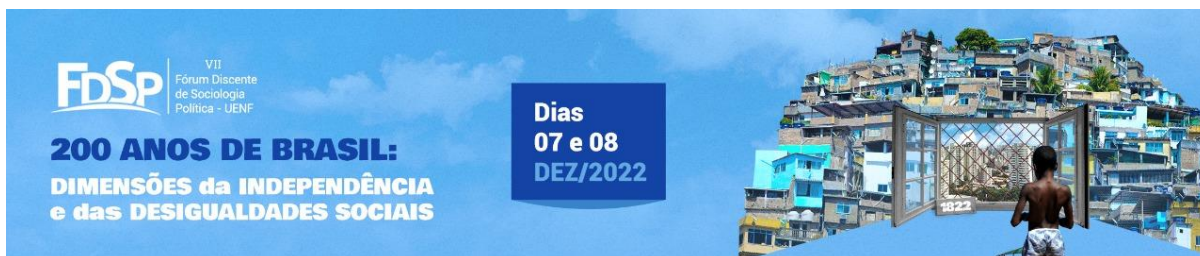
Pode-se questionar, se o ato de *Caçar as Bruxas* diz respeito ao avanço contra mulheres que não se conformam às gramáticas normativas de gênero, raça e religiosidades esperadas socialmente. Isto por que a existência de coletivos de bruxas, bem como a auto-intitulação pública da insígnia bruxa não são, por vezes, atacadas de maneira violentamente direta, como no caso de comunidades, livros, e mulheres associadas a *Wicca* – que são em sua maioria mulheres e se designam como bruxa(o)s (OSÓRIO, 2011). Enquanto por outro lado, religiões de matriz africana, e rituais indígenas surgem mais frequentemente associados ao bestial e ao diabólico, e cerceado por violências (LUGONES, 2008).

Conclusão

As análises e problematizações realizadas neste trabalho seguiram os fios sócio-históricos como forma de apontar a constituição de um dispositivo que visou o extermínio de mulheres com vistas ao processo de colonização. Fazer notar esses atravessamentos, no entanto, nos levou a perceber as discontinuidades e diferenciações produzidas na insígnia da bruxa.

A bruxa à medida que se apresenta com contornos distintos em espaços geográficos e momentos históricos diferentes – como no caso comparativo da figura da bruxa atrelada a mulheres europeias e aquela às mulheres habitantes de territórios colonizados – aponta para a construção de um dispositivo extremamente eficaz que ainda reverbera atualmente e que como objetivo tem uma política de morte direcionada, que Mbembe (2021) denomina necropolítica, a corpos femininos não domesticados, estes que podem alterar, ainda que de maneira irrisória, as relações de poder.





Assim, o dispositivo de Caça às Bruxas na passagem dos séculos foi entremeando-se à maneira como as sociedades ocidentais organizaram suas hierarquias de gênero, raça e classe em diferentes territórios, como meio de capturar experiências que não se conformam às gramáticas morais esperadas, isto através da justificativa dos possíveis perigos presentes na bruxaria.

Referências

AMARAL, Lara Luiza Oliveira; FLECK, Gilmei Francisco. As bruxas da América Latina: memórias das cicatrizes. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 3, n. 20, p. 221-243, 2018.

BELTRÁN, Elizabeth Peredo. Ecofeminismo. In: **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. SOLÓN, Pablo (Org) Editora Elefante, 2016

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIAS, Bruno Vinicius Kutelak; CABREIRA, Regina Helena Urias. A Imagem da Bruxa: da Antiguidade Histórica às Representações Fílmicas Contemporâneas. **Ilha do Desterro**, v. 72, p. 175-197, 2019.

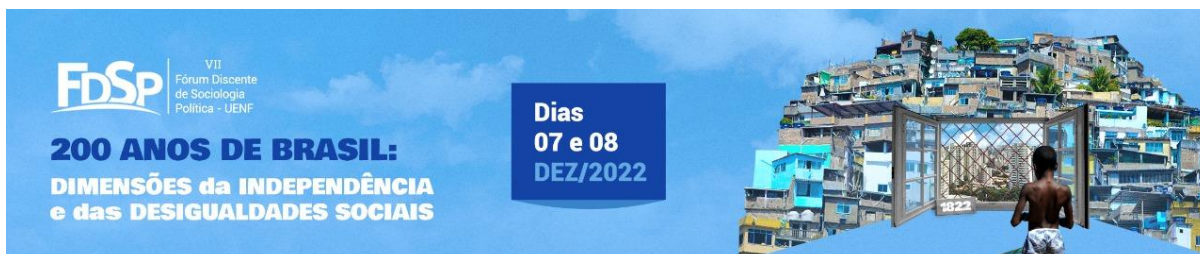
ESCOBAR. Arturo. Sentipensar con la Tierra: Las luchas territoriales y la dimensión ontológica de las Epistemologías del Sur. **Revista de Antropologia Iberoamericana**. Volume 11, nº1, Pp 11-32, abril/2015.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2018. 460 p.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade média aos dias atuais**. 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2019.

GONÇALVES, Carlos Walter. **Abya Yala, a descoberta da América. Bicentenários (outros), transições e resistências** (39-46). Buenos Aires: Uma Janela, 2011.





GUIMARÃES, Cecília Severo. Mulher: corpo incivilizado—A crítica feminista marxista de Silvia Federici a Michel Foucault. *In: XVIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS*, v. 1. p. 131-145, 2018. Disponível em: https://3c290742-53df-4d6f-b12f-6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206_39822e565da249a1bc6ec2b5f2ec7a55.pdf. Acesso em: 07 jul. 2022.

LATOUR, Bruno. Não há mundo comum: é preciso compô-lo. **Publicação em um blog]. Recuperado de <https://politicadasensibilidade.wordpress.com/2017/01/16/nao-ha-mundocomum-e-preciso-compo-lo-bruno-latour>**, 2011.

LUGONES, María “Colonialidad y Género”. **Tabula Rasa**, n. 9, jul.-dez. 2008, pp. 73-101.

LUGONES, María. “Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidad y opresiones múltiples”. *In: Pensando los feminismos en Bolivia*. Série Foro 2. La Paz: Fondo Emancipaciones, 2012.

LUGONES, Maria. Rumo ao feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, set/dez 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso em 04 fev. 2021

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. n-1 edições, 2021.

MÜLLER, Charlotte; SANDERSON Sertan, **Caça às bruxas: um problema que persiste no século 21**. Made for Minds. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ca%C3%A7a-%C3%A0s-bruxas-um-problema-que-persiste-no-s%C3%A9culo-21/a-54520254>.

Ndlovu, Morgan. Por que saberes indígenas no século XXI? Uma guinada decolonial. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, nº1, pp 127-144, 2017.

OSÓRIO, Andréa. Dons da bruxa e trajetórias wiccanas: narrativas sobre ser e tornar-se uma bruxa moderna. **Cadernos de Campo**, São Paulo - 1991, v. 20, n. 20, p. 51-64, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v20i20p51-64>.

PRECIADO, Paul B. **Texto Yonqui**. Madrid, Espanha: Editora Espasa Calpe, 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: Lander, Esteban. (Org.). A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117–142.

ROCHA, Carolina. **O sabá do sertão**. São Paulo: Paco Editorial, 2016.





ROCHA, Carolina. As noivas de Satã: bruxaria, misoginia e demonização no Brasil colonial. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, p. 68-79, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/32869>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza ; MENESES, Maria Paula G.; NUNES, João Arriscado. **Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo**. 2005.

SILVA, Nereida Soares Martins da. **As'' mulheres malditas''**: crenças e práticas de feitiçaria no nordeste da América Portuguesa. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/375720861/Mulheres-malditas-pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

TOSI, Lucía. Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, n. 10, p. 369-367, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>. Acesso em: 07 jul. 2022.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Ubu Editora, 2019.